



## VISIBILIDADE LBT+ E RESISTÊNCIA ENTRE QUADRINISTAS BRASILEIRAS

*VISIBILIDAD LBT+ E RESISTENCIA ENTRE DIBUJANTES BRASILEÑAS*

*LBT+ VISIBILITY AND RESISTANCE AMONG BRAZILIAN COMIC BOOK ARTISTS*

Márcia Tavares CHICO<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar obras selecionadas de quadrinistas brasileiras mulheres para avaliar como seus quadrinhos são utilizados para dar visibilidade à população LBT+. Para tal, procurou-se no banco de dados BAMQ! do site Lady's Comics quadrinistas cuja obra estivesse disponível online. Após a escolha das quadrinistas, selecionaram-se obras de cada uma delas cuja temática girasse em torno da realidade LBT+ ou que apresentasse elementos da mesma. A seguir, analisaram-se as obras selecionadas levando em conta dados teóricos de gênero e sexualidade, como Butler<sup>2</sup>. As obras analisadas apresentam personagens LBT+ existindo em sociedade e realizando atividades corriqueiras, como ir ao bar, ou atividades consideradas normais em nossa sociedade, como a maternidade. Assim, pode-se ver que a própria

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pelotas. Mestra em Literatura Comparada (UFPEL), Especialista em Histórias em Quadrinhos (Faculdades Est), Licenciada em Letras Português-Inglês (UFPEL) e Bacharel em Letras Tradução Inglês-Português. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marciatch@gmail.com.

<sup>2</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

existência de personagens LBT+ em locais públicos e a performance de atividades cotidianas são consideradas formas de resistência e como a população LBT+ precisa enfrentar obstáculos para simplesmente existir e realizar tarefas consideradas comuns.

**Palavras-chave:** Visibilidade LBT+; Histórias em quadrinhos; Representatividade

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar obras seleccionadas de mujeres brasileñas dibujantes para evaluar cómo se utilizan sus historietas para dar visibilidad a la población LBT+. Para ello, se realizó una búsqueda en el BAMQ! del sitio web Lady's Comics, cuyo trabajo estaba disponible en línea. Luego de elegir a las dibujantes, se seleccionaron obras de cada una de ellas cuyas temáticas giraran en torno a la realidad LBT+ o que presentaran elementos de la misma. A continuación, se analizaron las obras seleccionadas teniendo en cuenta datos teóricos sobre género y sexualidad, como Butler<sup>3</sup>. Las obras analizadas presentan personajes LBT+ existentes en la sociedad y realizando actividades cotidianas, como ir al bar, o actividades consideradas normales en nuestra sociedad, como la maternidad. Así, se puede observar que la propia existencia de personajes LBT+ en lugares públicos y la realización de actividades cotidianas son consideradas formas de resistencia y cómo la población LBT+ necesita enfrentar obstáculos para simplemente existir y realizar tareas consideradas comunes.

**Palabras clave:** Visibilidad LBT+. Cómics. Representatividad.

## ABSTRACT

---

<sup>3</sup> *Ibidem.*

The present article aims to analyze selected works by Brazilian women comic artists to assess how their comics are used to give visibility to the LBT+ population. To this end, a search was made in the BAMQ! database from the website Lady's Comics for artists whose work was available online. After choosing the comic artists, works by each one of them, whose themes revolved around the LBT+ reality or that presented elements of it, were selected. Next, the selected works were analyzed taking into account theoretical data on gender and sexuality, such as Butler<sup>4</sup>. The analyzed works present LBT+ characters existing in society and performing everyday activities, such as going to the bar, or activities considered normal in our society, such as motherhood. Thus, it can be seen that the very existence of LBT+ characters in public places and the performance of everyday activities are considered forms of resistance and how the LBT+ population needs to face obstacles to simply exist and perform tasks considered common.

**Keywords:** LBT+ Visibility. Comic books. Representation.

## 1. Introdução

O presente trabalho<sup>5</sup> visa avaliar a visibilidade LBT+ em obras de quadrinistas mulheres brasileiras<sup>6</sup>. Por serem objetos culturais e históricos, as histórias em quadrinhos apresentam ideias, visões, características e ideologias de uma determinada sociedade em uma determinada época<sup>7</sup>. Assim, os quadrinhos podem

---

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> O presente trabalho foi apresentado previamente como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Histórias em Quadrinhos (Faculdades Est), sob orientação do Professor Doutor Amaro Xavier Braga Júnior.

<sup>6</sup> O recorte do trabalho visa o trabalho somente de quadrinistas mulheres. Entendemos que este recorte é importante pela falta de visibilidade das quadrinistas mulheres no meio dos quadrinhos, além de todos os desafios encontrados por estas por somente existir em um meio que ainda é considerado masculino, ou um “clube do Bolinha” como colocado por McCloud (2006). Isso também acarreta na análise da visibilidade somente de mulheres da sigla LBT+ que, como explicitado no corpo do texto, não são os mais frequentes objetos de análise quando se trata de sexualidade na cultura pop.

<sup>7</sup> NOGUEIRA, Natania. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. *História, imagem e narrativas*. Nº 10, p. 1-14, abril/2010.

apresentar não somente a visão hegemônica presente em uma cultura, mas também ações e ideias de resistência contra tal hegemonia. No caso do presente trabalho, focado em quadrinistas mulheres (e somente quadrinistas mulheres) que usam o meio como forma de dar visibilidade à população LBT+, um ato que pode ser considerado como resistência, pois o simples ato de existir, para a população LBT+, já pode ser visto como uma forma de resistência.

Segundo Viviane Martini<sup>8</sup>, o grande foco dos trabalhos produzidos em âmbito LGBT+ ainda enfocam a letra “G” da sigla, mesmo que muitos trabalhos que tragam representatividade para as siglas L, B e T tenham sido realizados. Assim, como mencionado anteriormente, me propus a analisar obras específicas de quadrinistas mulheres que tratem da questão LBT+ dentro de suas obras, direta ou indiretamente. A escolha das quadrinistas se deu através do site *Lady's Comics*. O site (cujas atividades foram encerradas em janeiro de 2018) tinha por enfoque um conteúdo escrito por mulheres que se interessam por quadrinhos para mulheres que se interessam por quadrinhos. O coletivo de mulheres que escrevia para o site tratava dos mais diversos temas, dentro os quais a representação do feminino nos quadrinhos e nas mídias, mulheres leitoras de quadrinhos, além de escreverem resenhas e um conteúdo de quadrinhos próprio. Uma de suas criações foi o BAMQ! – Banco de dados de mulheres quadrinistas, o qual apresenta uma lista, em ordem alfabética, com mulheres produtoras de quadrinhos no Brasil, além de um perfil com informações sobre cada uma delas.

A partir desse banco de dados, foram escolhidas quadrinistas que tem como temática mulheres LBT+ e cujas obras podem ser encontradas em sites públicos, sem necessidade de compra, como o Facebook ou sites pessoais, o que aumenta a visibilidade das mesmas.

Minha hipótese de trabalho foi a de que as quadrinistas utilizam, de forma consciente, o espaço dos quadrinhos para a criação de uma narrativa que propicie uma maior visibilidade da comunidade LBT+. Além disso, que os quadrinhos das autoras apresentam uma resistência contra o momento político atual, contra mentalidades e

<sup>8</sup> MARTINI, Viviane. “I.am.not.a.lesbian.”: representações de identidade e gênero em *Blue is the warmest color* (Le bleu est une couleur chaude). In: LOPES, Aristeu; GALLINDO, Daniele; LIMA, Mônica (org.). *Comunicação e cultura midiática: diálogos interdisciplinares*, Porto Alegre, p. 79 - 94, 18 ago. 2017.

ideologias hegemônicas. Por último, que as quadrinistas possuem uma visão feminista interseccional e procuram utilizar seu espaço para refutar ideias hétero-cis normativas. O objetivo principal do trabalho, foi, portanto, a análise de determinadas HQs de algumas quadrinistas brasileiras para verificar a possível criação de um espaço de visibilidade LBT+. Isso se daria a partir da análise, tanto linguística quando gráfica, de como a visibilidade é construída nas HQs escolhidas.

O trabalho justifica-se, ainda, por apresentar uma análise ainda pouco realizada dentro do meio dos estudos dos quadrinhos, o da sexualidade LBT+ nas obras em quadrinhos. Justifica-se, também, como forma de análise do momento histórico vigente e seu impacto em uma parcela da população brasileira que se desvia, de alguma forma, das expectativas sociais. Tal análise pode ampliar o escopo das análises já realizadas na área e enriquecer – e diversificar – o campo de estudos.

A presente pesquisa é considerada, de acordo com Sylvia Vergara<sup>9</sup>, como sendo descritiva, quanto aos fins, e documental, bibliográfica e de estudo de caso, quanto aos meios. Esta pesquisa, portanto, partiu de um levantamento da bibliografia passível de ser utilizada para a análise; de uma leitura das obras levantadas para posterior seleção e análise; e da análise de material cibernético (o site).

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1 Visibilidade e representatividade

Segundo o Dicio – Dicionário Online de Português, “visibilidade” é o “caráter ou qualidade de visível”<sup>10</sup>. Ou seja, aquilo que pode ser visto, que não está escondido ou invisível. Uma forma de visibilidade, quando se trata de mídias – em nosso caso, os quadrinhos – é a representatividade. Se algo é representado, ele é visível. Portanto, podemos dizer que a representatividade é uma forma de visibilidade<sup>11</sup>.

As histórias em quadrinhos, desde seu início,

<sup>9</sup> VERGARA, Sylvia Constant. *Sugestão de estruturação de um projeto de pesquisa*. Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública, Cadernos de Pesquisa, n. 02, p. 16-19, 1991.

<sup>10</sup> VISIBILIDADE. In: Dicio – Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/visibilidade/> Acessado em: 27 de março de 2020.

<sup>11</sup> COLETTI, L. H.. Gays na mídia: representação, visibilidade e consumo crítico. In: Guilherme R. Passamani. (Org.). *(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual, o combate à homofobia*. 1ªed. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 65-85, 2012.

[...] se adaptaram e se integraram ao contexto histórico no qual estavam inseridas, sendo que os personagens e os enredos se tornam expressões dos anseios, valores, preconceitos e mesmo das frustrações de seus criadores, eles mesmos produtos de sua época. Nos quadrinhos estão as representações do real, ou daquilo no que se deseja transformar a realidade<sup>12</sup>.

Assim, as histórias em quadrinhos, muitas vezes, apresentam um mundo cujo foco é masculino, em que a masculinidade é colocada em lugar de destaque e, conseqüentemente, personagens femininas, e até mesmo produtoras de conteúdo de quadrinhos, são relegadas ao segundo plano. Podemos dizer que o mesmo se dá com questões de sexualidade.

Isso se dá pelo que Judith Butler<sup>13</sup> chama de “performatividade de gênero”. O gênero (e a sexualidade) podem ser vistas como uma série de convenções sociais que, com o tempo, foram naturalizadas em nossa sociedade. A partir da constante repetição do que é o feminino – e o masculino –, criamos uma ideia de gênero, do que é “uma mulher de verdade” ou “um homem de verdade”. A isso conecta-se, também, a noção de sexualidade. Para Butler<sup>14</sup>, a constante repetição da noção de binarismo sexual e de gênero acarreta a ideia de uma constante de sexualidade: um determinado sexo está conectado a um determinado gênero, o qual, conseqüentemente, está conectado a uma certa sexualidade. Corpos que não seguem as convenções de sexo e de gênero são vistos como “corpos abjetos”, ou seja, corpos considerados desviantes e passíveis de punição e ostracismo<sup>15</sup>.

As HQs “resultam do imaginário que é construído e compartilhado socialmente”<sup>16</sup>. Se algo não é visto, não tem visibilidade, também não pode ser compartilhado e representado nas páginas de uma HQ. Sendo assim, a “representação é necessária para o reconhecimento da identidade”<sup>17</sup>. Não somente para o reconhecimento da

<sup>12</sup> NOGUEIRA, Natania. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. *História, imagem e narrativas*. Nº 10, p. 1-14, abril/2010. p. 2.

<sup>13</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> DEMÉTRIO, Cleane Katiúcia Ferreira. *Nas histórias em quadrinhos: identidades e representações femininas*. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. p. 48.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 48.

identidade, mas para o reconhecimento das diferenças e para uma maior aceitação das mesmas.

Luiz Coletto<sup>18</sup>, ao tratar de questões LGBT em sala de aula, traz a importância da representação produzida pela mídia. Segundo ele,

Seja para tratar de um corpo que cai do prédio, das ameaças de morte a pequenos agricultores na Amazônia, das torturas policiais num Estado democrático ou da violência sexual em outro continente, a ideia de “contar” ou “retratar” para tornar visível é central. A visibilidade aqui se reveste desde registro histórico (nos casos mais pontuais, como a da morte de um indivíduo) até estratégia de luta social e política (nos casos das grandes lutas históricas contra formas diversas de opressão)<sup>19</sup>.

Coletto trata da visibilidade em mídias informativas, como jornal e televisão. No entanto, acreditamos ser possível ampliar essa visão de mídia para as mídias de massa, como as histórias em quadrinhos. O que é representado é tornado visível. Assim, entendo visibilidade atrelada à representação. Quadrinhos cujas narrativas apresentam, como tema central ou não, o universo LBT+ ajudam a aumentar a visibilidade deste grupo social.

## 2.2 Quadrinhos e sexualidade

Ainda há poucos estudos sobre a questão da sexualidade nas histórias em quadrinhos, sendo que a maioria existente ainda “tem como foco a homossexualidade masculina”<sup>20</sup>. Lilian Santos, ao pesquisar a representação lésbica em quadrinhos brasileiros, afirma que há um apagamento da existência lésbica na arte e que o discurso artístico de mulheres lésbicas que expressam sua sexualidade nos quadrinhos brasileiros ainda é tímido<sup>21</sup>. O mesmo pode ser dito da representação discursiva de outras letras da sigla LBT+.

Santos analisa a personagem Katita, criação de Anita Costa Prado, cuja obra *Tiras sem preconceito* tem por “objetivo tratar do preconceito e desmistificar a imagem da

<sup>18</sup> COLETTI, L. H. Gays na mídia: representação, visibilidade e consumo crítico. In: Guilherme R. Passamani. (Org.). *(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual, o combate à homofobia*. 1ªed. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 65-85, 2012.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>20</sup> SANTOS, L. C. A (in)visibilidade lésbica no Brasil: um estudo sobre a produção e expressão do homoerotismo feminino nas histórias em quadrinhos. In: *Primeiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, 2011, São Paulo. *Anais das Primeiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, 2011. p. 1.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

lésbica no imaginário brasileiro”<sup>22</sup>. No entanto, segundo a pesquisadora, algumas caricaturas da mulher lésbica – como ser paqueradora e objetificar outras mulheres – ainda são mantidas nas tiras de Katita.

Carolina de Oliveira e Jéssica de Oliveira, ao tratarem dos quadrinhos da Turma da Mônica Jovem, identificam a manutenção da heterossexualidade como norma como algo ainda presente nos quadrinhos em questão<sup>23</sup>. Além disso, há a manutenção dos padrões masculinos de pensamento, com as personagens femininas tendo sua “sexualidade constantemente reprimida, a todo momento sendo lembradas que garotas precisam ser sutis”<sup>24</sup>. O mesmo é dito por Andreia da Silva<sup>25</sup>, a qual menciona que, nas histórias da Turma da Mônica, as mulheres têm um vocabulário diferenciado do vocabulário dos homens, além de possuírem papéis específicos, como os de dona de casa.

Saindo um pouco do universo brasileiro, Monique Carvalho trata da importância das graphic novels para a visibilidade de questões queer, citando obras como *Fun Home*, de Alison Bechdel, e *Azul é a cor mais quente*, de Julie Maroh<sup>26</sup>. A pesquisadora acredita que as graphic novels em questão não caem em armadilhas heterossexuais de representação da sexualidade feminina. Para ela, as cenas de relações sexuais entre as personagens, por exemplo, são feitas de forma a não serem voltadas para o olhar masculino ou representadas como pornografia. Carvalho conclui dizendo que “o ambos os quadrinhos se mostram como ferramentas políticas contra as correntes dominantes que insistem em manter no topo as produções masculinas, e para além disso, machistas muitas vezes”<sup>27</sup>.

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Carolina Leite Borges de; OLIVEIRA, Jéssica Ribeiro de. As relações de gênero nas histórias em quadrinhos infanto-juvenis: uma análise acerca dos personagens da Turma da Mônica Jovem. *Anais da Semana Pedagógica do Centro de Educação da UFPE, Recife*, p. 56-58, 2019.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>25</sup> SILVA, Andreia Cristina. Ethos feminino nos quadrinhos infantis: “Aniversário da Mônica ou festa do Mônico?”. In: BRAGA JÚNIOR, Amaro Xavier; Silva, Valéria Fernandes da (org.). *Representações do feminino nas histórias em quadrinhos*. Maceió: EDUFAL, 2015.

<sup>26</sup> CARVALHO, Monique Malcher de. Sem linhas retas: gênero e sexualidade nos quadrinhos. *Anais da 5ª Jornadas Internacionais em Histórias em Quadrinhos*, São Paulo, p.1-14, 2018.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 13.



### 3. Apresentação dos dados e discussão

Para a realização do presente trabalho, foram escolhidas três quadrinistas: Gabriela Masson, Luiza Lemos e Beliza Buzollo por, além de possuírem uma vasta obra, serem quadrinistas que possuem suas obras disponibilizadas de forma gratuita em redes sociais ou em sites próprios.

A seguir, apresentarei as quadrinistas e a análise dos quadrinhos selecionados.

#### 3.2 Gabriela Masson e a sua Garota Siririca

Gabriela Masson, conhecida como Lovelove6 é autora de histórias em quadrinhos e artista visual. Para análise, escolhemos a obra Garota Siririca, uma das webcomics mais famosas da autora. A HQ trata da vida de uma menina conhecida como Garota Siririca e seu descobrimento de seu corpo e de sua sexualidade<sup>28</sup>. Para análise, foi escolhida a seguinte imagem:

Figura 1: Garota Siririca por Gabriela Masson. Quadrinho 27.



<sup>28</sup> A obra pode ser lida no site da autora em <https://lovelove6.com/portfolio/quadrinhos/garotasiririca/>.

Fonte: MASSON, 2016, [s.p].

As webcomics da Garota Siririca seguem a história de uma mulher, conhecida desde a infância como a Garota Siririca, e suas aventuras de pró-descobrimento e de amizade. Segundo Livia Costa e Gloria Rabay<sup>29</sup>, a webcomic da Garota Siririca é conhecida por tratar de um assunto ainda considerado tabu, o da sexualidade e masturbação feminina, desmistificando o tema. A webcomic também analisa a inibição da sexualidade feminina e como certos comportamentos são esperados de mulheres, levando a “padrões patriarcais [que] são perpetuados, sujeitando a mulher à coibição da libido em função de preservar sua castidade, pureza e imagem de dócil, oportuna ao marido e ao lar”<sup>30</sup>.

Na Figura 1, podemos ver a Garota Siririca com sua amiga Xoxola conversando em um bar. Primeiramente, Siririca comenta sobre a tatuagem de sua amiga e, algumas horas depois, como demonstrado pela legenda presente no painel 4, a conversa entre as duas passam a tratar de assuntos mais sérios, até que Siririca comenta que poderia fazer uma tatuagem com a palavra “perseguida”.

Os nomes das personagens são dignos de problematização. “Siririca” refere-se ao ato de masturbação feminina e “Xoxola” faz referência a um dos órgãos sexuais femininos. O uso dos nomes retoma a questão inicial apresentada nesta subseção: a desmistificação de temas tabus relacionados a sexualidade feminina.

Na Figura, vários elementos se destacam: Primeiramente, é importante ressaltar o fato de Siririca e Xoxola estarem em um bar, conversando e bebendo. Isso traz visibilidade para a existência das personagens, duas mulheres não-heterossexuais, com corpos e atitudes diferentes, as quais estão conversando e existindo em público, sem se esconder e sendo quem são. Além disso, esse quadro da webcomic sai de temas que são considerados tabus e traz as personagens realizando ações cotidianas.

Outro elemento é a tatuagem de Xoxola, uma Labrys Pride, que pode ser vista nos painéis 2 e 3. A Labrys Pride apresenta, normalmente, um triângulo com um machado

<sup>29</sup> COSTA, Livia Pereira da Costa. RABAY, Gloria. Patriarcado e sexualidade: uma análise sobre a mulher presente nos webcomics “Garota Siririca”. *Anais d XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade*, p. 1-10, 2016.

<sup>30</sup> COSTA, Livia Pereira da Costa. RABAY, Gloria. Patriarcado e sexualidade: uma análise sobre a mulher presente nos webcomics “Garota Siririca”. *Anais d XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade*, p. 1-10, 2016, p. 7.

de dois gumes e é vista por muitas como o símbolo da comunidade lésbica feminista. Com essa tatuagem, Xoxola deixa explícita sua ligação com a comunidade LBT+, além de se declarar feminista. Assim, a exposição dessa tatuagem, e o destaque que ela recebe principalmente no painel 2, trazem a importância que os dois elementos (a comunidade LBT+ e o feminismo) tem para a vida de Xoxola: esses elementos são parte de sua realidade e de quem ela é.

A última questão importante é o da discussão travada entre Xoxola e Siririca. Xoxola, no painel 4, fala da nomenclatura de “perseguida” dada vulgarmente para a vulva. Segundo ela, isso não é uma surpresa, dado que esta foi perseguida durante anos, independente da mulher a que pertence e que papel essa mulher representa na sociedade.

Isso vai ao encontro da ideia de performatividade de gênero, explicitada anteriormente. Como o gênero é normatizado através de uma série de repetições de normas, gestos etc., comportamentos que fogem do padrão esperado devem ser punidos ou vistos como sendo estranhos ou não cabíveis a um determinado gênero<sup>31</sup>.

### 3.3 Luiza Lemos e sua Transistorizada

Luiza Lemos é quadrinista e professora de quadrinhos, trabalhando com quadrinhos desde 2009. Seu trabalho mais conhecido, e alvo desta análise, é o quadrinho independente Transistorizada, o qual narra sua história e suas vivências como mulher trans<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>32</sup> As tiras podem ser lidas em <https://www.facebook.com/transistorizada/>.

Figura 2: Transistorizada por Luiza Lemos.



FONTE: LEMOS, 2018, [s.p.].

Na Figura 2, temos uma HQ produzida por Luiza Lemos para sua página no Facebook, a Transistorizada, na qual, através de HQs, ela narra sua história e os desafios encontrados. Na imagem, vemos um homem, o qual menciona acreditar que o “lance de transexualidade e tal”<sup>33</sup> não seja algo natural. Luiza responde, de forma sarcástica, para ele falar mais sobre o modo de vida natural dele.

Assim como na Figura 1, temos a personagem existindo em um ambiente público, tomando café e conversando com outras pessoas. Mais uma vez temos o reforço de que pessoas LBT+ existem na sociedade, estão visíveis e realizam atividades corriqueiras em espaços públicos e privados. É uma demonstração de que não há um “espaço LBT+”, pois todos os espaços são espaços que podem ser frequentados por pessoas LBT+.

Acreditamos que a piada tenha duas camadas de análise. A primeira é mais direta e colocada explicitamente pela HQ: temos um homem, comendo chips que, segundo a

<sup>33</sup> LEMOS, Luisa. *Transistorizada*. 2018. Disponível em <https://www.facebook.com/transistorizada/>. Acessado em 3 de março de 2020. [s.p.].

embalagem, contêm corantes e aromatizantes artificiais”<sup>34</sup> – além de apresentar o símbolo para elementos transgênicos –, com uma camiseta do The Sims – jogo de criação de uma realidade digital –, utilizando o Facebook, além de outros elementos, falando da naturalidade de algo. Como nenhum dos elementos que ele está consumindo pode ser considerado “natural”, com que lógica ele pode dizer que algo não é natural?

A segunda camada de análise está relacionada ao gênero. Como mencionado anteriormente, através da performatividade de gênero, temos expectativas normativas e punitivas em relação ao gênero<sup>35</sup>. Assim, tendemos a associar determinada genitália com determinado sexo, tal sexo com um determinado gênero e tal gênero com determinada sexualidade e atitudes. Corpos que, por algum motivo, se desviam do esperado são chamados de “corpos abjetos”, corpos que fogem da “normalidade”.

Segundo Butler, “o corpo tem sua dimensão invariavelmente social; constituído como um fenômeno social na esfera pública, o corpo é e não é meu”<sup>36</sup>. Para a filósofa, é no momento em que nosso corpo é colocado no mundo, quando o deixamos vulnerável e passível de críticas e expectativas sociais é que podemos chamá-lo de nosso<sup>37</sup>.

Assim, a HQ de Luiza Lemos coloca o corpo da personagem, uma representação de si mesma, no mundo, no convívio social, deixando-o passível a críticas de uma sociedade fechada, muitas vezes, em suas noções de feminino e masculino, de mulher e homem, de natural e de não natural, mas, ao mesmo tempo, tomando posse de seu próprio corpo, de sua identidade, mostrando que é ela quem decide quem é e como se apresenta perante a sociedade.

### 3.4 Beliza Buzollo e seu Na ponta da língua

---

<sup>34</sup> *Ibidem*.

<sup>35</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>36</sup> BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004. 284 p. p. 21. Tradução minha. No original: “the body has its invariably public dimension; constituted as a social phenomenon in the public sphere, my body is and is not mine”.

<sup>37</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Beliza Buzollo estreou no mercado dos quadrinhos independentes em 2007, produzindo, desde 2015, as tiras Na ponta da língua, as quais narram as vivências de mulheres que amam outras mulheres<sup>38</sup>.

Figura 3: Na ponta da língua por Beliza Buzollo.



FONTE: BUZOLLO, 2017, [s.p.].

A Figura 3, HQ da série Na Ponta da Língua, que pode ser encontrada na página do Facebook com o mesmo nome, mostra o que aparenta ser uma corrida de obstáculos realizada por um casal de mulheres para ter sua/seu filha/o. Elas pulam obstáculos nomeados como “fertilização”, “gravidez”, “registro”, “adaptação” para obter a vitória somente para, no momento de receber a medalha, ouvirem a pergunta “Mas então, quem é a mãe?”<sup>39</sup>.

<sup>38</sup> A obra da autora pode ser vista em <https://www.facebook.com/Na-Ponta-da-L%C3%ADngua>.

<sup>39</sup> BUZOLLO, Beliza. *Na ponta da língua*. 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/Na-Ponta-da-L%C3%ADngua-1545758632382885/>. Acessado em 3 de março de 2020. [s.p.].

Novamente temos as personagens, um casal de mulheres, realizando algo que é corriqueiro em nossa sociedade: a maternidade. Os obstáculos pelos quais passam são obstáculos ultrapassados por muitas outras mulheres ou pessoas não-binárias diariamente. No entanto, diferente de suas contrapartes heterossexuais, as personagens também enfrentam, no momento que deveria ser de sua vitória, o julgamento e as expectativas sociais.

Socialmente, a partir das noções de performatividade de gênero, um casal é formado por um homem e por uma mulher. Quando tal expectativa é rompida, o olhar social procura encontrar o “homem” e a “mulher” em um relacionamento homoafetivo. Como pode ser visto na HQ, uma das mulheres do casal é a “mãe” e a outra, necessariamente, deve ser o “pai”.

Podemos dizer, então, que o quadrinho se coloca como uma crítica perante tais pensamentos e tais noções, mostrando, através do descontentamento presente nas expressões do casal e do bebê, que “quem é a mãe?” não é uma pergunta passível de ser feita e que tal pensamento deveria ser abolido. A HQ é um enfrentamento ao pensamento cis-heteronormativo que atribui papéis de gênero a um casal não-heteronormativo ao mesmo tempo em que mostra um casal homoafetivo em sua jornada de criação de um bebê.

## 5. Considerações finais

O presente trabalho teve por objetivo analisar a visibilidade LBT+ em quadrinhos de quadrinistas brasileiras mulheres. Para isso, foram selecionadas três quadrinistas cujo trabalho pudesse ser encontrado online, de forma gratuita, o que ampliaria a possibilidade de divulgação das mesmas. Após análise, pode-se ver que as quadrinistas selecionadas – Gabriela Masson, Luiza Lemos e Beliza Buzollo – utilizam-se da realidade LBT+ para a formulação de suas histórias. Não somente isso, mas utilizam suas obras como um local de resistência a uma sociedade hetero-cis-normativa.

Gabriela Masson, com sua Garota Siririca, cria um espaço em que mulheres não heterossexuais possam existir e questionar a sociedade em que vivem e as ideias e os costumes a que são expostas diariamente. Os próprios nomes das personagens, Siririca e Xoxola, já indicam uma corporificação de ideias transgressoras, pois trazem visibilidade a temas tabus e à sexualidade feminina, tão controlada por nossa

sociedade. Além disso, o quadrinho escolhido mostra as duas personagens existindo na sociedade, em um ambiente tão corriqueiro quanto um bar, o que mostra que todos os espaços podem ser espaços LBT+.

Luiza Lemos, com sua Transistorizada, trata da vivência de pessoas trans e o preconceito que ainda existe na sociedade em que está inserida. Luiza, em seu quadrinho, contesta a ideia de algo “natural”, trazendo a noção de que não há um certo ou errado de gênero, um “feminino” ou um “masculino” específico. Tudo é performatividade. Luiza Lemos também ecoa a ideia apresentada em Garota Siririca de que todos os espaços podem, e devem, ser habitados por pessoas LBT+.

Por último, Beliza Buzollo e seu Na ponta da língua, apresenta as dificuldades enfrentadas por um casal não heterossexual de mulheres na jornada para se tornarem mães. O casal precisa enfrentar, além das dificuldades enfrentadas por todas/os aquelas/es que almejam a maternidade, questões de expectativas sociais do papel de “pai” e “mãe” na criação das/os filhas/os. No quadrinho escolhido também somos apresentados à ideia de que todas as atividades podem ser realizadas por quem deseja realizá-las.

Ao longo da realização da pesquisa, surgiram algumas perguntas: como as quadrinistas brasileiras utilizam o meio dos quadrinhos para aumentar a visibilidade LBT+? Como a realidade social e política é incorporada nos quadrinhos das autoras e como elas lidam com uma realidade que ameaça sua própria existência?

Entendendo a visibilidade como representação, como aquilo que é colocado à vista, tornado visível, podemos dizer que todas as obras apresentadas neste trabalho procuram a visibilidade LBT+. Assim, procuramos agora responder as duas perguntas que surgiram durante a realização desta pesquisa.

Em primeiro lugar: como as quadrinistas brasileiras utilizam o meio dos quadrinhos para aumentar a visibilidade LBT+? Podemos dizer, primeiramente, que as quadrinistas aumentam a visibilidade LBT+ já pelo simples fato de trazerem personagens LBT+ e possuírem obras cuja narrativa gira em torno da vivência e da realidade de pessoas LBT+. Isso é, a simples representação gráfica é importante para permitir visibilidade destas na sociedade. Além disso, apesar de serem obras diferentes, procuram representar pessoas LBT+ ocupando diversos espaços e papéis sociais: temos personagens frequentando bares e cafés ou falando da superação dos obstáculos da maternidade e das expectativas sociais. Nas HQs, temos pessoas LBT+ sendo representadas e visibilizadas.



Segundo: Como realidade social e política é incorporada nos quadrinhos das autoras e como elas lidam com uma realidade que ameaça sua própria existência? Existir por si só já é um ato político, ainda mais existir em uma sociedade que considera a sua existência como “não [sendo] uma parada natural”<sup>40</sup>. Existir nesse contexto é uma constante luta por representação e por direitos, tal como o simples direito de ter a sua identidade respeitada. Também podemos ver a realidade social incorporada pelos obstáculos enfrentados pelas personagens: a de poder falar sobre seu corpo de forma clara e sem apelidos pejorativos, a de poder existir sem ser considerada “não natural” e de poder ser mãe sem ter padrões e papéis de gênero impostos a si. Tais obstáculos tem de ser constantemente superados, nem que seja pela própria contestação do que leva à criação destes, bem como pela criação de histórias que visibilizam a realidade e a existência LBT+.

### Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. Nova York: Routledge, 2004.

BUZOLLO, Beliza. **Na ponta da língua**. 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/Na-Ponta-da-L%C3%ADngua-1545758632382885/>. Acessado em 3 de março de 2020.

CARVALHO, Monique Malcher de. Sem linhas retas: gênero e sexualidade nos quadrinhos. **Anais da 5ª Jornadas Internacionais em Histórias em Quadrinhos**, São Paulo, p.1-14, 2018.

COLETTO, L. H.. Gays na mídia: representação, visibilidade e consumo crítico. In: Guilherme R. Passamani. (Org.). **(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual, o combate à homofobia**. 1ªed. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 65-85, 2012.

COSTA, Livia Pereira da Costa. RABAY, Gloria. Patriarcado e sexualidade: uma análise sobre a mulher presente nos webcomics “Garota Siririca”. **Anais d XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade**, p. 1-10, 2016.

---

<sup>40</sup> LEMOS, Luisa. *Transistorizada*. 2018. Disponível em <https://www.facebook.com/transistorizada/>. Acessado em 3 de março de 2020. [s.p.].

DEMÉTRIO, Cleane Katiúcia Ferreira. Nas histórias em quadrinhos: identidades e representações femininas. 63 f. **TCC** (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

LEMONS, Luiza. **Transistorizada**. 2018. Disponível em <https://www.facebook.com/transistorizada/>. Acessado em 3 de março de 2020.

MARTINI, Viviane. “I.am.not.a.lesbian.”: representações de identidade e gênero em Blue is the warmest color (Le bleu est une couleur chaude). In: LOPES, Aristeu; GALLINDO, Daniele; LIMA, Mônica (org.). **Comunicação e cultura midiática: diálogos interdisciplinares**, Porto Alegre, p. 79 - 94, 18 ago. 2017.

MASSON, Gabriela. **Garota Siririca**. Quadrinho 27. 2016. Disponível em <https://lovelove6.com/portfolio/quadrinhos/garotasiririca/>. Acessado em 3 de março de 2020.

McCLOUD, Scott. **Reiventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vem revolucionando essa forma de arte**. Tradução Roger Maioli. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2006.

NOGUEIRA, Natania. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. **História, imagem e narrativas**. No 10, p. 1-14, abril/2010.

OLIVEIRA, Carolina Leite Borges de; OLIVEIRA, Jéssica Ribeiro de. As relações de gênero nas histórias em quadrinhos infanto-juvenis: uma análise acerca dos personagens da Turma da Mônica Jovem. **Anais da Semana Pedagógica do Centro de Educação da UFPE**, p. 56-58, Recife, 2019.

SANTOS, L. C.. A (in)visibilidade lésbica no Brasil : um estudo sobre a produção e expressão do homoerotismo feminino nas histórias em quadrinhos. In: Primeiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2011, São Paulo. **Anais das Primeiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**, 2011.

SILVA, Andreia Cristina. Ethos feminino nos quadrinhos infantis: “Aniversário da Mônica ou festa do Mônico?”. In: BRAGA JÚNIOR, Amaro Xavier; Silva, Valéria Fernandes da (org.). **Representações do feminino nas histórias em quadrinhos**. Maceió: EDUFAL, 2015.

VERGARA, Sylvia Constant. Sugestão de estruturação de um projeto de pesquisa. Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública, **Cadernos de Pesquisa**, n. 02, p. 16-19, 1991.

VISIBILIDADE. In: **Dicio – Dicionário Online de Português**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/visibilidade/> Acessado em: 27 de março de 2020.